

Literatura e memória: uma análise da biografia de Cristóvão Colombo no romance *A vigília do almirante* de Augusto Roa Bastos

RAFAELA DA SILVA MENDES¹

A pesquisa é pautada sobre um do “descobridor” da América Cristóvão Colombo. Que o autor Augusto Roa Bastos escreve em seu livro *Vigília do almirante* narrando às viagens desse almirante que porventura chegou à América e não nas Índias como o mesmo teria pensado. Portanto pretendemos analisar esta memória, que deixou marcas na sociedade latino-americana.

O presente trabalho “Literatura e memória: uma análise sobre Cristóvão Colombo no romance *Vigília do Almirante* de Augusto Roa Bastos” é uma abordagem sobre o estudo da memória como construção social. A partir do referido romance pretendemos analisar o que autor descreve sobre Colombo. E demonstrar que ele foi um homem qualquer com dúvidas e incertezas da vida. Ao contrário da figura de herói que é repassada para a sociedade através dos filmes e dos monumentos.

De um homem visionário que tinha todo conhecimento a certeza de que navegando chegaria a América. Partir do romance e das leituras realizadas buscamos discutir sobre a representação construída de Cristóvão Colombo como memória, como intervenção sobre “o passado”. Durante as comemorações dos 500 anos do descobrimento da América em 1992 teve várias polêmicas em torno do descobrimento e de suas consequências, principalmente da influência da igreja, e de como ocorreu esse povoamento. É nesse contexto que Augusto Roa Bastos lança o romance *Vigília do Almirante* que descreve a vida de Cristóvão Colombo, mas demonstrando outra versão desse personagem histórico tão simbólico.

Segundo Michael Pollak (1992) a memória é a representação dos acontecimentos que foram sendo preservados pelas sociedades. Que querem introduzir e repassar uma

¹ Graduanda em História da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/UFT.

versão de Colombo como um ser que desbravou a América com bravura e que foi um homem visionário.

Portanto as vertentes que foi se estabelecendo desse almirante, e sendo construída ao longo dos séculos de um ser que se aventurou pelo oceano a busca da América. O livro *Vigília do almirante* lançado em 1992 Augusto Roa Basto e lança nas comemorações do descobrimento dos 500 anos da América. A partir das comemorações dos 500anos do descobrimento houve varias publicações acerca das discussões do descobrimento.

De acordo com a historiografia termo história cultural vem das discussões dos Annales para se obter novos objetos de estudo, que foi a partir da terceira geração dos Annales com os historiadores Le Goff e George Duby que se inicia a discussão sobre novas abordagens de estudo, que acarretará na História Nova.

Contudo foi com a contribuição dos Annales que se levantam novas problemáticas para a história, e acaba levando a história para novos rumos como a historia cultural. Desta forma Peter Burke é um dos historiadores que se destaca no campo da história cultural e dentre outros.

De acordo com o autor Peter Burke (2006) que descreve em seu livro *Variedades de história cultural*, o termo história cultural remonta do século XVIII, sendo mais utilizada na Alemanha. A história cultural possibilitou o inicio de mudanças no campo historiográfico, proporcionando a abertura de novos campos de abordagem da historia como, por exemplo, a música, a arte e a literatura. “De fato, como bem sabiam os humanistas, alguns gregos e romanos antigos já haviam afirmado que a linguagem tem uma história, a filosofia tem uma história, os gêneros literários têm uma história e avida Humana vinha sendo mudada por uma sucessão de invenções” (Burke, 2006 p.15).

No entanto foi o interesse de fazer essa investigação dos fatos, o que gerou questionamento a cerca dos objetos de estudo, originando novos meios de conhecimento. Mesmo com o aumento dos estudos, a história cultural não desapareceu no século XIX, mas acabou acarretando em muitas mudanças na historiografia.

Contudo, os acontecimentos históricos utiliza a memória, “A memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória

herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita em memória e o sentimento de identidade” Michael Pollak (1992 p. 5). A memória de Cristóvão Colombo é herdada socialmente, sendo perpetuada uma visão de herói e de descobridor do continente americano.

Portanto a memória foi um dos avanços historiográficos que reformulou a visão dos historiadores e perceber que nos estudos da memória poderia nos remeter aos fatos e acontecimentos da sociedade. E com a utilização do estudo da memória “O trabalho do historiador, encontra-se sempre a inspiração visual-acompanhada de leituras, no caso de textos ou imagens e, eventualmente, também a observação instrumental de um conjunto de fontes visuais.” (POMIA, 2003 p. 28). E sendo neste parâmetro que iremos analisar sobre a figura histórica Cristóvão Colombo, pois sendo os seus monumentos que nos aprende sobre sua visão que conquistador da América.

Conforme o estudo sobre romance histórico percebe-se que tem a diferença entre romance e romance histórico. “Em todo romance histórico os lugares são compatíveis com os acontecimentos, às instituições e as crenças como os comportamentos as opiniões professadas como o objeto” (POMIAN 2003 p. 14). Pois ira descrever os lugares existentes onde ocorreu de fato da história do personagem. Segundo Pomian (2003) o autor de romance histórico pretende narrar um passado próximo ou longínquo. Desta forma o autor utiliza relatos de autores que viveu, leu, ou escutou sobre este passado. Percebe-se que no romance *Vigília do Almirante* o autor Augusto Roa Bastos usou dos fatos que leu sobre Cristóvão Colombo e também do que ouviu desse passado que deixou marcas na sociedade latino-americanas.

O romance histórico poderá ser datado como romance quando

em suma: uma narrativa é considerada histórica quando exhibe a intenção de submeter-se a um controle de sua adequação a realidade extratextual do passado

do qual tratar. Mas para que essa narrativa seja reconhecida como histórica é preciso também que essa intenção não seja vazia”. (POMIAN. 2003 p 13)

Que será o uso dos fatos reais que o autor encontrou em sua pesquisa sobre o personagem. E que pretende despertar no leitor o desejo de fazer uma análise sobre o romance e perceber que é histórico.

A partir do estudo do livro *Vigília do Almirante* de Augusto Roa Bastos, buscamos fazer. Uma discussão sobre a vida do personagem central do romance que é Cristóvão Colombo. É uma demonstração que essa figura está vinculada a uma memória pública. “Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.” (Pollak, 1992, p.03).

O que constitui esse lugar de memória é, no entanto os monumentos que faz com que essa. Memória seja legitimada como a de Cristóvão Colombo. Portanto os políticos são os primeiros a ter a preocupação da construção social. “Que no século XIX se inicia uma preocupação cultural e política da surpreendente emergência da memória sendo um fenômeno que caracteriza a volta do passado e que possibilita um contraste e privilégio com o futuro”. (Huysebaert, 2000, p.01). Partindo da influência dos políticos que escolhe o que realmente a sociedade precisa lembrar. Para Pollak (1992) os políticos são os maiores influenciadores dos acontecimentos históricos.

As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso e verdade em relação a memória coletiva, ainda que esta seja organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio das datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas da luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1992 p.04).

Partindo da discussão sobre monumentos históricos, iremos analisar a imagem de Cristóvão Colombo retratada pelo artista Mathurin Moreau. Estátua em ferro fundido, reproduzida no século XIX, e que esta localizada no Museu da República no Bairro do Catete. Ao analisar a estátua de Cristóvão Colombo, percebemos suas vestimentas do século XVII, que o mesmo esta olhando para o horizonte. E que a estátua esta sendo retratada nas alturas, para demonstrar superioridade, de um descobridor com ideias visionárias que não tinha medo e que estava sempre seguro de suas atitudes. Esse monumento pode ser percebido como parte da memória oficial sobre Colombo que se produziu e se pretende manter.

Por fim no romance *Vigília do almirante* de Augusto Roa Bastos quer introduzir outra representação do descobridor da América, humanizando-o. Sou esse peregrino bifronte. Não tenho outros bens além de meus males. Minha única riqueza é esta obsessão de encontrar a qualquer custo, ainda que ao preço de minha própria vida, ouro das índias. Que nosso senhor, em sua misericórdia, ajude-me a encontrar esse ouro...sem qual estou perdido de toda honra e de toda grandeza e mais morto que na própria morte... (BASTOS. 2003, p 85). Temos uma percepção que Cristóvão Colombo estava com medo de chegar as índias e não encontrar o ouro tao desejado. E estar como qualquer outro rezando para que os seus pedidos venham a acontece. Cansado de não ter razão, de só colher derrotas e fracassos de comprovar a cada passo a ineficácia de seus métodos, decidiu fazer outra coisa. Decidiu finalmente não fazer nada. Considerou que tinha chegado ao ultimo minuto de seu derradeiro quarto de hora. E que devia partir deste mundo sem pretender levar a pedra filosofal como cabeça de seu féretro (BASTOS.2003, p. 153)

A obra *Vigília do Almirante* foi publicada na comemoração dos 500 anos do descobrimento da América em 1992, e partindo do mesmo começam a repensar sobre a conquista do continente tendo varias publicações que irão enfatizar essa memória que foi herdada, e perpetuada a imagem de Cristóvão Colombo como um

grande descobridor. A partir do livro e dentre outras publicações foi possível ressaltar outra imagem de Colombo não como herói e sim de um homem que sempre tinha dúvidas. O livro contém 296 páginas que descreve em 53 capítulos sobre as viagens de Cristóvão Colombo junto a sua tripulação. As viagens têm início em 1492, onde o navegador não teria a percepção que teria chegado a América, e, contudo Colombo era um ser humano que faria tudo para realizar suas vontades, não sendo uma pessoa repleta de gentilezas.

Portanto, o romance *Vigília do Almirante* do autor Augusto Roa Bastos, descreve a vida de Cristóvão Colombo que o autor retrata no livro chamando-o de Almirante. “com a cabeça sobre meu travesseiro de agonizante, no quarto desbotado de meu convento em Valladolid, contemplo com olhos de afogado esta viagem ao infinito que resume todas as minhas viagens, meu destino de noites e dias de perseguição”. (BASTOS, 1992 p.16). Percebe-se que através do romance tem outra versão do “descobridor” sendo de um homem comum, com defeitos e preocupações que o cerca em suas viagens que foi iniciada em 1492. Contudo o romance é uma descrição minuciosa da trajetória do navegador Colombo em suas viagens. “a noite escura torna as velas fosforescentes, deposito nelas minha confiança. O mar, o mar sempre recomeçando, disse um grande poeta da antiguidade”. (BASTOS, 1992 p.39). A forma de demonstrar que o personagem está sempre refletindo sobre a vida e sobre os acontecimentos que o rodeia que será o medo de não se chegar ao continente

Referências

BASTOS, Augusto Roa. *Vigília do almirante*; Primeiro de maio, PR: Mirabilia. 2003.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*; Rio de Janeiro, vol.5, n10, 1992.

HUYSSSEA, Andreas. *Seduzidos pela memória, arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

BURKE, Peter. *Variedades de história cultural*. 2º ed. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2006.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARCEL

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro. 1990.

POMIAN, Krzysztof. *História e ficção*. Proj. História, São Paulo. 2003.

DOBLIN, Alfred. *O romance histórico e nós*. História questões & debates. Ed. UFPR. Curitiba 2006.